

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## O ANJO CUSTÓDIO OU AS "PALAVRAS DITAS E TORNADAS".

CHAVES, Luís

Ano: 1936 | Número: 46

---

### Como citar este documento:

CHAVES, Luís, O Anjo Custódio ou as "Palavras ditas e tortornadas". *Revista de Guimarães*, 46 (1-2) Jan.-Jun. 1936, p. 8-24.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# O Anjo-Custódio

ou

## As «Palavras ditas e tornadas»

---

O trabalho do ilustre etnógrafo galego Sr. Dr. Fermín de Bouza-Brey, publicado no último fascículo dos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia» (1), surpreendeu-me no consêrto de notas etnográficas àcerca do esconjuro popularizado que anda corrente com o nome de «*Anjo-Custódio*» ou de «*Palavras ditas e tornadas*» e «*Palavras ditas e retornadas*».

Intitulou tal trabalho *Un conto oriental na Galiza*, a que juntou o sub-título de «As versións galegas das palabras retornadas» (2).

O valor do estudo do Director da Secção de História do Seminário de Estudos Galegos tem todavia outra direcção, que não impede o prosseguimento das minhas notas. Até me incutiu ânimo o brilho da exposição e dos comentários, que li com alto prazer espiritual, e me deram magnífica lição de etnografia.

Estas notas têm carácter mais restrito, referidas ao sentido português, ou seja à forma portuguesa; em virtude do estudo do Dr. Bouza-Brey, não poderei deixar de estender atenção às formas galegas.

Não passou despercebida aos recolhedores do

---

(1) *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Pôrto, 1936, Vol. VIII, fasc. 1, págs. 5 a 26.

(2) F. Bouza-Brey, *Un Conto Oriental na Galiza*, extracto do mencionado fascículo, 24 págs. Já no «Arquivo filológico i etnográfico» da revista de Orense, *Nós*, o mesmo autor tinha publicado — *As verbas de San Johán retornadas*; n.º 21, de 15 de Setembro de 1925.

folclore português a feição exorcismativa das «palavras ditas e tornadas»: Prof. Consiglieri Pedroso, nas *Tradições populares portuguesas* <sup>(3)</sup>; P.<sup>e</sup> António Gomes Pereira, na *Revista Lusitana*, primeiro, e no volume das *Tradições populares, linguagem e toponímia de Barcellos*, depois <sup>(4)</sup>; Capitão Fernando Braga Barreiros, na *Revista Lusitana* <sup>(5)</sup>; Dr. Joaquim R. dos Santos Júnior, nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* <sup>(6)</sup>; Dr. Jaime Lopes Dias, no jornal *Acção Regional*, de Castelo-Branco, e no III volume da *Etnografia da Beira* <sup>(7)</sup>; Dr. Barros e Cunha, no volume da *V Session de l'Institut International d'Anthropologie*; e fez-lhe referência Tomaz Pires <sup>(8)</sup>.

A colheita das versões abrange o Centro e o Norte de Portugal: Barcellos (Gomes Pereira), Barroso (B. Barreiros), Mogadouro (Santos Júnior), Beira-Alta (B. Cunha), Beira-Baixa (L. Dias), em Idanha-a-Nova e Monforte; alusão alentejana é a de T. Pires.

As investigações portuguesas não chegaram, que eu saiba, ao estudo das origens <sup>(9)</sup>. O diálogo, em

<sup>(3)</sup> *O Diabo*, in *O Positivismo*, Pôrto, 1882, vol. IV, pág. 111-113.

<sup>(4)</sup> *Revista Lusitana*, Lisboa, 1913, págs. 282-284, e *Tradições populares de Barcellos*, Espozende, 1916, pág. 17. Versão de *Barcellos*.

<sup>(5)</sup> *Rev. Lusitana*, Lisboa, 1915, vol. XVIII, pág. 287-88. Versão de *Barroso*.

<sup>(6)</sup> *Trab. da Soc. Port. de Ant. e Etnol.*, Pôrto, 1924, vol. II, fasc. II, págs. 160. Versão de *S. Pedro*, do Mogadouro.

<sup>(7)</sup> *Acção Regional*, de 25 de Novembro e 2 de Dezembro de 1928, 3.<sup>a</sup> pág.; *Etnografia da Beira*, Lisboa, 1929, vol. III, págs. 131-136; versão de *Idanha-a-Nova e Monforte*.

<sup>(8)</sup> Tomaz Pires, in *Revista Lusitana*, Lisboa, 1908, vol. X, pág. 303; Barros e Cunha, in *XV Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique, V Session de l'Institut International d'Anthropologie*, em Coimbra, em 1930, pág. 694. O primeiro nas suas *Investigações Ethnographicas*, «superstições, crenças, usos e costumes alentejanos»; o segundo em *Note sur quelques croyances et formules populaires*; versão da *Beira-Alta*.

<sup>(9)</sup> O estudo definitivo, e com rigor científico, do Prof. Aurélio Espinoza, em *Origen oriental e desarrollo histórico del cuento de las doce palabras retornadas*, publicado na *Revista de Filologia Española*, Madrid, 1930, vol. XVII, págs. 390 e ss., fixou a origem do exorcismo. Cfr. Bouza-Brey, págs. 8 e ss. dos «Trabalhos» ou 6 e ss. do extracto deles.

forma de perguntas e respostas, tem aspecto de episódio de auto erudito, popularizado por via eclesiástica. Orações populares e exorcismos apresentam certo ar de família, que aparentemente daria a todos semelhante proveniência. Todavia, a forma repetida com paralelismo constante, o regresso ao princípio, a série numérica e o acompanhamento de símbolos bíblicos despertavam curiosidade, que criava suspeita de diferenciação na origem. Além disso, a existência da mesma espécie folclórica, divulgada na Europa, com variantes que denotam adaptação de um modelo comum, fazia separar do grupo de orações e exorcismos populares o «Anjo Custódio» ou «Palavras ditas e retornadas».

Os estudos de Stanislao Prati e de Reinhold Kohler, aqueles a iluminar a origem prè-helénica dos mitos de Édipo <sup>(10)</sup>, estes a revolver a cinza das origens índicas <sup>(11)</sup>, foram completados por Aurélio Espinoza, que atribui às «palavras retornadas» procedência de conto pelvi, de forma doutrinal zoroástrica, decomposta em dez perguntas e outras tantas respostas.

Restos de auto, supus haver nelas. Não de auto, mas provou-se que de conto derivam: um homem encontrou o demónio ou um feiticeiro, que sob ameaça de morte lhe impôs a recitação das palavras retornadas. A presença das duas personagens explica a forma dialogada. O desaparecimento dos passos textuais do conto, que ofereciam ao leitor ou auditor a razão do diálogo, deu evidência exclusiva a êste. Espinoza deu-nos um número reduzido de versões europeias, que mantêm a forma primitiva do conto. De nove lições galegas, apresentadas pelo Dr. Bouza-Brey, apenas três conservam tal forma, o que aproximadamente confirma a percentagem obtida por Espinoza (1/3 a 1/4). Em Portugal não conheço nenhuma versão integral do conto; tôdas dividiram o conto nas duas partes essenciais (a narração e o diálogo), para

---

<sup>(10)</sup> No «Archivio per lo studio delle tradizione popolare de Pitri-Marino», Tomos X e ss., Palermo-Torino, 1882 e ss.

<sup>(11)</sup> *Kleinere Schriften*, Weimar, 1898-1900, vol. III, págs. 365-371, cit. por Espinoza e B.-Brey.

ficar só com uma delas (o diálogo). Assim passou a esconjuro dialogado o que completava a inteligência da forma primitiva.

Esta forma dispersou influências asiáticas e europeias; aparecem versões budistas, maometanas, hebraicas e cristãs, cada uma das quais revela a formação religiosa do povo adoptante. ¿Por onde viria a versão portuguesa? Fundamentalmente, não ficou isolada na Península; não seria impossível, porém, separá-la de outras formas peninsulares, e até verificar a influência de divulgação do modelo português. Com as modalidades de pormenor de umas para outras versões ou variantes destas, postos de parte elementos estranhos de sobreposição, a forma peninsular dominante apresenta carácter cristão. Provirá da cristianização da forma hebraica, cedo trazida à Península com as migrações mediterrânicas, e reforçada por corrente arábica. Da massa medieval da população israelita entraria na inteligência cristã dos peninsulares, que a adaptou. Assim o pensa para a Galiza o Dr. Bouza-Brey<sup>(12)</sup>; assim o deve ser para as outras regiões características da Península.

Trabalho mais esforçado e de necessária comparação meticolosa pode vir mostrar a diferenciação de versões, conforme o roteiro seguido. Então chegava a oportunidade de reconhecer qual a trajectória da nossa versão, e, comparando-a com as outras da Península, verificar paridade ou disparidade entre elas.

\*

O nome mais vulgar, por que é conhecida em Portugal a parte dialogada do velho conto oriental, e, já agora podemos dizê-lo, o conto vivo no folclore português, evoca a feição cristã da forma actual: o *Anjo Custódio*. Chamar-lhe também o *Anjo Cristóvão*, é já derivante daquele nome<sup>(13)</sup>. Não que sejam estas as designações únicas, mas as mais vulgares, e procedentes do nome da personagem, que no diá-

---

<sup>(12)</sup> B.-Brey, «Trabalhos», págs. 10-11; Sep. págs. 8-9.

<sup>(13)</sup> Beira-Baixa; J. Lopes Dias, cfr. nota 7.

logo diz e rediz as palavras contadas. «Romance do Anjo Custódio», nomeia-o Gomes Pereira, quando publica o de Barcelos.

Porque as palavras vão e voltam, ditas e reditas, isto é de ida e volta, indo até o fim e regressando ao princípio, de cada vez que se dizem, também esta espécie folclórica anda conhecida por «*Palavras ditas e retornadas*»<sup>(14)</sup>, ou «*ditas e tornadas*»<sup>(15)</sup> e, ainda, «*ditas e retomadas*»<sup>(16)</sup>, a que correspondem na Galiza as «*Palabras torneadas*» ou «*palabras retrónicas*»<sup>(17)</sup>.

O número das palavras, isto é, das frases interrogativas com suas respostas, foi de dez na origem zoroástrica<sup>(18)</sup>; em regra são doze, mas aparecem também treze. Daí chamar-se o conto, correntemente, as «*Doze Palavras*» e as «*Treze Palavras*»<sup>(19)</sup>. Por *As doze verdades tornadas e retornadas*, diz Barros e Cunha, o conhecem na Beira-Alta.

Na lição da Beira-Baixa, do Dr. Lopes Dias, a personagem oculta, que abre o diálogo, pergunta:

— Anjo Cristóvão, amigo meu...

.....

— Queres salvar-te?

E à resposta afirmativa do Anjo Cristóvão, recalitrante ao título de amigo, mas desejoso de salvar-se, a primeira personagem põe-lhe a condição:

— Dize-me as treze palavras, ditas e tornadas.

O Anjo Cristóvão começa a parafrasear as treze

(14) Beira-Baixa; cfr. nota 7.

(15) «*Tornadas*» aparece na versão de S. Pedro, de Moga-douro: cfr. n. 6. E na da Beira-Alta: cfr. n. 8.

(16) Barroso; cfr. n. 5. A designação de «*retomadas*» para título não corresponde ao texto onde aparece «*retornadas*», pelo que presumo haver naquela êrro tipográfico.

(17) Bouza-Brey, «*Trabalhos*», págs. 5 e 9. Sep. págs. 3 e 11.

(18) Bouza-Brey, «*Trabalhos*», pág. 9. Sep. pág. 7.

(19) Beira-Baixa; cfr. n. 7: «*As treze palavras ditas e retornadas*». S. Pedro, de Moga-douro; cfr. n. 6: «*Oração das Doze Palavras*».

palavras; di-las e redi-las de longada até a 13.<sup>a</sup>. Termina assim:

— 13 são os treze raios que leva o sol, e treze  
leva a lua.

Nas «Palavras ditas e retomadas» de Barroso pede a oculta personagem ao Anjo Custódio: — «Dize-me as doze palavras, ditas e retornadas». E no entanto o Anjo finda com as treze:

Treze raios tem no sol.  
Treze raios tem na lua.

Tem este mesmo fim a versão de S. Pedro, de Mogadouro, apenas com a alteração de treze para doze:

Doze raios leva o sol,  
Doze raios leva a lua. <sup>(20)</sup>

Em Barcelos e Beira-Alta, são também doze as palavras <sup>(21)</sup>.

A alusão aos raios do sol e da lua, doze (S. Pedro, de Mogadouro) ou treze (Beira-Baixa), emparceira com a forma corrente da Galiza estas versões portuguesas. O Dr. Bouza-Brey chama judiciosamente a esta forma pangalega <sup>(22)</sup>. Nas versões galegas, porém, a alusão heliolátrica tem simetria no conto; assim, na de Quintela, em Crecente de Pontevedra:

1.<sup>a</sup> A la una, una  
mas claro el sol que la luna.  
.....  
13.<sup>a</sup> A las trece, trece raios de sol... <sup>(23)</sup>

e na de Amador Montenegro Saavedra:

1.<sup>a</sup> A unha é o sol mais craro que a lua.  
.....  
13.<sup>a</sup> As trece, trece raiñas do sol... <sup>(24)</sup>

<sup>(20)</sup> Cfr. n. 6.

<sup>(21)</sup> Cfr. n. 4.

<sup>(22)</sup> B.-Brey, «Trab.», pág. 11. Sep. pág. 9.

<sup>(23)</sup> B.-Brey, «Trab.», págs. 5-6. Sep. págs. 3-4.

<sup>(24)</sup> B.-Brey, «Trab.», págs. 19 e 22. Sep. págs. 17 e 20.

Enquanto que as versões paralelas, em Portugal, reduzem a alusão ao termo da lenga-lenga. Exemplos: em S. Pedro,

- 1.<sup>a</sup> É a casa Santa de Jerusalém, onde Nosso Senhor Jesus Cristo morreu por nós. Amém.  
 .....  
 11.<sup>a</sup> São as onze mil virgens.  
 12.<sup>a</sup> Doze raios leva o sol,  
 Doze raios leva a lua.  
 .....

e na Beira-Baixa:

- 1.<sup>a</sup> A 1.<sup>a</sup> é a Casa Santa de Jerusalém, etc.  
 .....  
 13.<sup>a</sup> 13 são os treze raios que leva o sol, etc.  
 .....

Da comparação entre os dois tipos portugueses, poderemos talvez depreender a dualidade de origem, ou o misto de uma forma heliolátrica, de adaptação galega (pangalega), e de outra não heliolátrica, exclusivamente portuguesa (panportuguesa?). Já nos aparece diferenciação fundamental entre os dois grupos: forma primitiva, que se adaptou na Galiza, por encontrar tradição viva, e não em Portugal.

¿Quem é a personagem oculta, com quem dialoga o Anjo Custódio ou o Anjo Cristóvão?

Di-lo a nossa versão de S. Pedro, de Moga-douro; após as doze palavras, grita a pessoa, que as retorna:

Arrebenta-te daí, Diabo,  
 Que essa alma não é tua.

— na de Barroso, ao fim das treze palavras:

Rebenta daqui, Diabo,  
 Que esta alma não é tua!

— e na da Beira-Baixa, que, como observámos já pelas transcrições feitas, o Dr. Lopes Dias recolheu

e publicou em prosa: — Rebenta daqui, Diabo, que esta alma não é tua.

Vê-se a unanimidade do final, e com ela a interpretação da personagem que tenta a alma, identificada com o Anjo Custódio, o Anjo da Guarda, que lhe dá amparo e a protege contra os embustes diabólicos. Assim fala o representante pelo representado.

O conto, na sua forma primitiva, como ainda aparece na Galiza, e o Dr. Bouza-Brey no-la deu na versão de Quintela, estava completo. O Diabo surge a alguém e reclama-lhe as palavras retornadas; na versão galega de Quintela, o Diabo proclama que, se o rapaz, a quem apareceu, lhas disser, desaparecerá um dos dois: — *«ou desaparezo eu ou desapareces tí»*. A versão de Meira (Lugo), recolhida por Aníbal Otero, e reproduzida pelo Dr. Bouza-Brey, modifica apenas aparentemente o conto; em vez do Diabo, aparece uma caveira, a que um de três rapazes dá um pontapé, e, com sarcasmo, convida a jantar; a caveira aceita o convite, mas o rapaz não lhe abre a porta de casa, quando a estranha visita bate e quer entrar; citado por ela a entrevista em lugar marcado, êle vai, confessado e carregado de relíquias; ao chegar, amedronta-o a solidão e, envolto em trevas e exalações sulfúreas, grita: — *«Las trece palabras de San Juan Retornado me valgan!* De meio das trevas chega aos ouvidos do rapaz voz misteriosa, que o intima a dizer as treze palavras: *«Si las sabes bien te irá»* <sup>(25)</sup>.

Nas versões portuguesas falta esta parte, que esclarece o diálogo. ¿Quem dirá, sem esta elucidação, que é o Diabo o interlocutor do Anjo Custódio ou Cristóvão? Pois êle o incita: — «Anjo Custódio, amigo meu» <sup>(26)</sup>, ou «Anjo Cristóvão, amigo meu» <sup>(27)</sup>. A versão de S. Pedro, de Mogadouro, familiariza o Anjo com maiores intimidades: — «Cristóvão, amigo meu»; o mesmo há na da Beira-Alta: — «Custó-

<sup>(25)</sup> B.-Brey, «Trab.», págs. 23-24. Sep. págs. 21-22.

<sup>(26)</sup> Versão de Barroso; n. 5.

<sup>(27)</sup> Versão da Beira-Baixa; n. 7.

dio, amigo meu»; e até a de Barcelos chama-lhe «Amigo Custódio».

O final declara, porém, nalgumas a personalidade demoníaca do dialogador: «Rebenta aqui, Diabo, que esta alma não é tua», diz a versão publicada pelo Dr. Lopes Dias (Beira); «Arrebenta-te daí, Diabo, | Que essa alma não é tua», termina a de S. Pedro, ou «Rebenta aqui, Diabo | Que esta alma não é tua!», a de Barroso, e igualmente a de Barcelos <sup>(28)</sup>. Quando publicou a versão de Barcelos, A. Gomes Pereira deu-lhe por sub-título, como rubrica: «O diabo a disputar com o anjo Custódio».

Porque a narrativa falta, por introdução ao diálogo, não poderíamos compreender quem são as personagens. A provocadora é o Diabo. A outra? Como se vê das duas referências às versões galegas completas, a outra personagem é a pessoa tentada pelo Diabo. Não o precedendo a narrativa, o diálogo entra sem justificação; figura o Anjo Custódio a contracenar com o desconhecido, que é o Demónio. Mas, quem representa ali o Anjo Custódio? Já atrás ficou dito. Em vez de pessoa determinada aparece o Anjo Custódio, o Anjo da Guarda.

Assim, o diálogo, meio-romance, meio-esconjuro, tomou sentido de oração, e por isso em S. Pedro, de Mogadouro, o conhecem por «Oração das Doze Palavras» ou «Oração do Anjo Custódio» <sup>(29)</sup>. Também o emprêgo justifica o nome. Diz-se, para ajudar os moribundos na hora da morte, recitando-a junto da cabeceira da cama, no Alentejo <sup>(30)</sup>; ou, já depois da morte, faz parte das cerimónias fúnebres do exorcismo do morto, em S. Pedro, de Mogadouro. Tem sua liturgia, como vemos, e deve recitar-se por

---

<sup>(28)</sup> «Queimen ao demo maior | e canto ten de redor»: — dizem com pequenas variantes as lições galegas de Tenoiro (Pontevedra), Meira (Lugo), Reboreda (Pontevedra) e outras, relacionadas no trabalho do Dr. Bouza-Brey. Na de Quintela termina assim o conto: «Ao se rematar o conto o demo deu un estralo e desapareceu»...

<sup>(29)</sup> Beira-Baixa.

<sup>(30)</sup> Tomaz Pires, cfr. n. 8.

inteiro, e sem engano, repetindo-a às avessas, uma vez dita já, até o fim.

Que é esconjurativa a oração, prova-o também a versão de Loureiro (conc. de Cotobade, Pontevedra): di-la para não ter mêdo, quem anda de noite, porque, se a disser bem, fica livre de todo o perigo <sup>(31)</sup>. Na Beira-Alta, serve para recitar em tôdas as doenças graves.

Anda na Galiza associada também esta oração às práticas de tradições heliolátricas da comemoração de S. João, pelo Solstício de Verão. De tal facto se conhece por *«palabras de San Johán retornadas»* ou *«retrónicas de San Johán»*. *«Las trece palabras de San Juan Retornado»* são as de Meira (Lugo). Em Portugal não é desconhecida a ligação, pelo menos na Beira-Alta, segundo o afirma o Dr. Barros e Cunha <sup>(32)</sup>; por isso o povo a recita na noute de S. João.

\*

Quando o Diabo chama ao Anjo: «Anjo Custódio, amigo meu», ou «Anjo Cristóvão, amigo meu», êste responde-lhe sempre: «Custódio, sim, mas amigo teu, não», ou «Cristóvão, sim, amigo teu, não», e «Cristóvão, sim, meu amigo, não» (S. Pedro). Concorde a resposta, repetida a cada pergunta, nas versões da Galiza: «Amigo teu, non; servo de Dios, sin» <sup>(33)</sup> e «Amigo tuyo, nó; siervo de Dios, si» <sup>(34)</sup>. Fica assim provada a extrema distinção de pessoas, para compreendermos o jôgo da scena dialogada.

À ofensiva do Diabo, impondo a recitação das palavras mágicas, responde o Anjo, submisso mas convicto de superioridade pela confiança na vitória: — Direi, direi, que eu bem nas sei. A cada pergunta das doze palavras, o Diabo repete a intimativa: — Dize-me as doze palavras ditas e retornadas. E tôdas

<sup>(31)</sup> Bouza-Brey, «Trab.», p. 24. Sep. p. 22.

<sup>(32)</sup> Barros e Cunha, *Sur quelques croyances...* Cfr. n. 8.

<sup>(33)</sup> Bouza-Brey, «Trab.», p. 19. Sep. p. 17.

<sup>(34)</sup> B.-Brey, «Trab.», p. 23. Sep. p. 21.

as vezes chama ao Anjo «amigo meu». De tôdas êste repele a amizade maligna, e de cada uma avança o seu número: — São as duas... — São as três... — São as onze... precedidas da fórmula permanente: Direi, direi, que eu bem nas sei. Ou, na Beira-Alta: Eu t'as direi, que muito as sei. E assim até final <sup>(35)</sup>.

Noutras versões, o Diabo vai dizendo, conta a conta: — Disseste-me uma, dize-me agora as duas. — Disseste-me as duas, dize-me agora as três... (Beira). E o Anjo: — As duas são... — As três são...

As palavras vão correndo em série.

1.<sup>a</sup> — Casa Santa de Jerusalém onde Nosso Senhor Jesus Cristo morreu por nós, amém (Barroso, Beira, S. Pedro). — Em que nasceu | Jesus Cristo em Jerusalém, para nos salvar, amém (Barcelos) <sup>(36)</sup>.

2.<sup>a</sup> — Tabuínhas de Moisés, onde Nosso Senhor Jesus Cristo põe os seus divinos pés (Barcelos, Beira, S. Pedro). Ou ... põe os seus sagrados pés (Barroso) <sup>(37)</sup>. Aludem às *duas tabulas lapideas* do «Êxodo» (1.<sup>as</sup>, XIX; 2.<sup>as</sup>, XXXIV, 1).

3.<sup>a</sup> — Três pessoas da Santíssima Trindade <sup>(38)</sup>.

4.<sup>a</sup> — Quatro Evangelistas (Barroso, Barcelos, Beira-Baixa). — Quatro círios bentos (S. Pedro) <sup>(39)</sup>.

5.<sup>a</sup> — Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo

<sup>(35)</sup> «Las doce te diré que yo bien me las sé»; versão galega de Meira. — «Eu chas direi | que ben as sei»; na versão recolhida por Amador M. Saavedra. Cfr. B.-Brey.

<sup>(36)</sup> Galiza: «Onde Cristo vai e ven | a casa de Jerusalem, | Dómine amén.» (versão de Saavedra; idem de B.-Brey em Tenoiro; id. de Meira). Nas versões em que a 1.<sup>a</sup> palavra alude ao sol e à lua: ou a «casa de Jerusalém» passa a aderir às tabuínhas de Moisés da 2.<sup>a</sup> (vers. de Loureiro, de Deza em Reboreda, e de Viduido), ou fica no 1.<sup>o</sup> juntamente com «mas claro el sol que la luna» (vers. de Saavedra, Tenoiro). Na versão de Cortegada, em vez de N. S. Jesus Cristo, figura San Goaán (sic); o mais, igual. B.-Brey.

<sup>(37)</sup> — «Dos taboas, duas taboiñas, dos tabliñas, dos tablas de Moisés ou Moisés». Na vers. de Meira, «Dos tablas de David». Cfr. nota 36.

<sup>(38)</sup> Puertas de Paris (Paraíso), na vers. galega de Cortegada. Patriarcas, nas outras.

<sup>(39)</sup> Os círios bentos aparecerão por influência confusa da 6.<sup>a</sup> palavra. Nas versões galegas mantém-se a referência dos quatro Evangelistas.

(Barroso, Beira-Baixa, S. Pedro). — Os Cinco Sentidos (Barcelos) <sup>(40)</sup>.

6.<sup>a</sup> — Os seis círios bentos aparecidos em Belém e ressurgidos em Jerusalém (Beira-Baixa). — Os seis círios bentos, que alumiam de dia os vivos e de noite os mortos (Barroso) <sup>(41)</sup>. — Os seis acidentes (Barcelos). — Os seis Evangelistas (S. Pedro) <sup>(42)</sup>.

7.<sup>a</sup> — Sete Sacramentos (Beira-Baixa, S. Pedro). Sete pecados mortais (Barcelos, Barroso) <sup>(43)</sup>.

8.<sup>a</sup> — Oito mil coros de anjos (Beira-Baixa). — Oito coros de anjos (S. Pedro). — Oito bem-aventuranças. — Oito caibros da igreja (Barroso) <sup>(44)</sup>.

9.<sup>a</sup> — Nove coros de anjos (Barroso) <sup>(45)</sup>. — Nove meses que o Menino Jesus andou no ventre de sua Mãe Santíssima (Beira) ou que a Senhora trouxe seu Santíssimo Filho no ventre (Barcelos, e concordante em S. Pedro) <sup>(46)</sup>.

10.<sup>a</sup> — Dez Mandamentos (em tôdas as versões portuguesas) <sup>(47)</sup>.

11.<sup>a</sup> — Onze mil virgens (em tôdas as versões portuguesas).

<sup>(10)</sup> Em tôdas as versões galegas: as Cinco Chagas.

<sup>(11)</sup> Seis círios; o candeieiro de ouro, cuja forma foi ordenada a Moisés pelo Senhor: seis ramos, que saíam dois de cada parte do tronco em que se sustentavam, e que fazia o 7.<sup>o</sup> ramo. Sobre estes sete braços mandou o Senhor colocar sete lâmpadas de ouro puríssimo; e ordenou que o povo oferecesse ao Templo o mais puro azeite de oliveira, para consumir nas lâmpadas, que o Sumo Sacerdote acenderia todos os dias, para estarem acesas tôda a noite no Tabernáculo (Êxodo, XXV, 31 e ss.). A tradição popular nesta prece toma seis dos círios, que surgem em Jerusalém. — As versões galegas dão tôdas elas os seis círios.

<sup>(12)</sup> Note-se o número dos Evangelistas, nesta versão, que é a mais curiosa pelas deformações populares do texto.

<sup>(13)</sup> Siete lâmparas, em tôdas as versões galegas (B.-Brey). Cfr. nota 42.

<sup>(14)</sup> Note-se a particularidade local dos sete caibros da igreja.

<sup>(15)</sup> Há influência galega, que separa das outras versões portuguesas este passo da versão de Barroso.

<sup>(16)</sup> — Nueve coros de angeles (Valverde); — nueve coroas de angues (Cortegada, e concordantes as de Tenoiro, Loureiro, e a recolhida por Saavedra); — nueve columnas de Angeles (Meira); — na Galiza.

<sup>(17)</sup> As 10.<sup>a</sup> e 11.<sup>a</sup> palavras são comuns às versões portuguesas e galegas.

12.<sup>a</sup> — Doze Apóstolos, que acompanharam Nosso Senhor Jesus Cristo (Beira-Baixa), ou, só, Doze Apóstolos (Barroso). — Doze frutos (Barcelos). Em S. Pedro, de Mogadouro, seja por influência galega, seja por forma primitiva comum, afasta-se da forma portuguesa, para se aproximar da galega, claramente heliolátrica: — Doze raios leva o sol, | Doze raios leva a lua. Esta versão, como já foi dito, e convém repetir aqui, tem na 12.<sup>a</sup> palavra o que as lições galegas têm na 13.<sup>a</sup>; mantém todavia o número de doze palavras, pelo que suprime a alusão comum aos Doze Apóstolos.

13.<sup>a</sup> — Treze raios tem no sol. Treze raios tem na lua (Barroso). — Treze raios que leva o sol e os treze que leva a lua (Beira-Baixa). — Aqui se mostram aproximações da forma pangalega. Em Barcelos, há repúdio desta forma, que prova talvez o embate das duas correntes do Ocidente peninsular: — «Não há treze nem cousa nenhũa» <sup>(48)</sup>.

O final, já o vimos, fecha com o esconjuro: — «Rebenta daqui, Diabo...».

O valor da oração, e por tal o seu efeito, está na correcção com que a voz a recita. Não deve deixar de a acabar, e, uma vez dita, reverterá ao princípio. «A quen as diga ben ditas nada lle pasa», recomenda a forma de Loureiro (Pontevedra).

\*

Pelo exame superficial desta oração-esconjuro, pode crer-se na inclusão dela em séries numeradas de palavras. Logo se observa que a chamada das palavras não obedece à rima (v. gr. o jôgo eixo-ribaldeixo); também o assunto religioso e a lógica do emparelhamento dos números da série com as alusões propostas, desviam a interpretação para fora do sentido comum de qualquer jôgo de palavras.

---

<sup>(48)</sup> Em Galiza: trece raios de sol (Cortegada); trece raiñas do sol (v. recolhida por Saavedra, e na de Fenoiro); trece raiñas de sol maior (Loureiro); trece raiñas ten a lua, | trece raiñas ten o sol (Valverde).

De assunto religioso, porque a tanto se prestam, correm no folclore composições seriadas; os «Sete Sacramentos», por exemplo.

O primeiro é baptismo,  
Eu também fui baptizado;  
Creio no que Deus me disse,  
Nisso vivo descansado.

O segundo é confirmação,  
Eu confirmo na verdade:  
.....

O terceiro é comungar,  
Quem comunga é cristão.  
.....

O quarto é penitência,  
Bem penitente tenho sido.  
.....

O quinto é extrema-unção,  
São palavras em latim.  
.....

O sexto é a ordem,  
Que eu tenho p'ra te prender.  
.....

O sétimo é matrimónio,  
Significa o dar a mão;  
É custoso de apartar  
Uma rosa dum botão.

Estes sete Sacramentos  
São da Santa Madre Igreja;  
Anda o mundo às avessas,  
Ninguém logra o que deseja.

(Chaves: Montanha). (49)

---

(49) Cfr. simil. em Barroso (Padroso): Fernando Barreiros, *Tradições populares de Barroso*, in «Revista Lusitana», vol. XVIII (1915), págs. 282-283.

Em Vale-de-Lôbo (Penamacor) tem semelhante teor um ensalmo contra o mau-olhado; publicou-o o Dr. Lopes Dias no I volume da *Etnografia da Beira* :

Santa Catarina,  
Dois <sup>(50)</sup> tos deram,  
Três tos tiraram.  
São as três Pessoas da Santíssima Trindade.  
Em nome do Padre,  
Em nome do Filho,  
Em nome do Espírito Santo. Amém. <sup>(51)</sup>

Este ensalmo, para ter virtude, há-de ser dito três vezes.

O Prof. A. Gomes Pereira incluiu nas tradições populares de Barcelos o «Romance da Paixão», também seriado <sup>(52)</sup>:

.....  
Quem esta oração disser  
Quatro vezes na Quaresma,  
Outras quatro no carnaz,  
Quatro almas tirarás  
Das penas do Purgatório:  
A primeira será a sua,  
A segunda de sua mãe,  
A terceira de seu pai,  
A quarta dum parente mais chegado.  
Amém.

Bastam estes elementos para cotejar e, simultaneamente, diferenciar. Mas, todavia, não ficava a prova completa, se não desse pelo menos um exemplo de assunto profano, também seriado: «os cinco sentidos», que F. Barreiros recolheu em Barroso <sup>(53)</sup>:

Bem no sabes  
Que são cinco :

<sup>(50)</sup> Dois : dois olhos maus.

<sup>(51)</sup> J. Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, I, Famalicão, 1926, págs. 147-148.

<sup>(52)</sup> G. Pereira, *Tradições pop.*, pág. 23. Vid. nota 4.

<sup>(53)</sup> F. Barreiros, cfr. nota 49, *Rev. Lusit.*, id. págs. 283-284.

As penas com que t'eu amo,  
Deus as sabe, e eu as sinto.

O primeiro é ver  
A cousa qu'eu mais desejo :  
.....

O segundo é ouvir ;  
Se eu ouvira ou sonhara  
.....

O terceiro é cheirar  
Um raminho de alecrim :  
.....

O quarto é apalpar  
.....

O quinto é pagar dízimos e promíssios ;  
Nada disso estou devendo.  
.....

Ou os «Dias da Semana», conhecidos com variantes maiores ou menores em todo o Portugal ; vejamos a versão barrosã e da «Montanha» de Chaves :

Segunda-feira te amo,  
Na terça te quero bem,  
Na quarta por ti suspiro ;  
Na quinta direi por quem ;  
Na sexta por ti morro ;  
No sábado por ti, meu bem ;  
No domingo vou à missa,  
Para ver quem me quer bem. <sup>(34)</sup>

Não estranhemos, pois, encontrar canções, romances e esconjuros, dispostos por ordem numérica.

---

<sup>(34)</sup> F. Barreiros, id., pág. 285.

*Nota final:* — A alguém que leia estas considerações pede o autor o obséquo de lhe enviar outras versões portuguesas que conheça, para poder reunir o maior número de elementos de reconstrução da forma portuguesa.

Nem o facto faz admiração na mente popular. Nuns casos, talvez a origem da numeração seguida provenha de fórmulas mágicas, — e razoável pareceria supor-se no ensalmo do «Anjo Custódio» o modêlo! Outros casos, derivam do assunto desenvolvido ou aproveitado. No meio de todo o folclore afim, não há outro exemplar que se confunda com o das «Doze Palavras».

LUÍS CHAVES.